

Número 6, junho de 2008

Comunicado da Presidência

A queda da desigualdade entre as pessoas ocupadas

**Análise do Brasil
metropolitano**

Realização:
Assessoria Técnica da Presidência

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Apresentação¹

Os últimos anos da economia brasileira têm sido comemorados como uma vigorosa retomada do crescimento com reflexos imediatos sobre o emprego, a renda e mesmo a pobreza do país. Nesse otimismo, números têm confirmado o bom momento e, mais importante, recolocado questões até então esquecidas por causa dos problemas conjunturais e das emergências macroeconômicas.

Por isso **Comunicado da Presidência** nº 6 se dedica ao mercado de trabalho, pontuando questões que merecem atenção da sociedade e das autoridades. Para tanto:

- A seção 1 discute a queda da desigualdade entre os rendimentos dos ocupados nas seis principais regiões metropolitanas do país até o primeiro trimestre de 2008².
- A seção 2 mostra que, apesar da queda no Gini dentro dos rendimentos dos ocupados, a participação da renda do trabalho no PIB está relativamente estável, indicando que ainda patinamos sobre esse problema: a necessidade de uma melhor distribuição de renda entre trabalho, capital e governo.

1. O crescimento recente da economia e a queda da desigualdade entre trabalhadores³

O retorno do crescimento econômico ao país, marcadamente desde 2004, teve, como esperado, efeitos benéficos sobre o mercado de trabalho. Houve crescimento do pessoal empregado, inclusive na indústria, elevação do número de carteiras assinadas e mesmo um bom crescimento da massa salarial real.

Com a redução do desemprego e a expansão significativa do PIB, seria razoável esperar um crescimento da demanda por mão-de-obra principalmente de menor valor e, por isso mesmo uma elevação dos rendimentos de base em relação aos extratos de mais elevada renda. É exatamente isso que se observa no gráfico 1, que deixa clara a queda significativa do Índice de Gini desde 2002, com aceleração a partir de 2004.

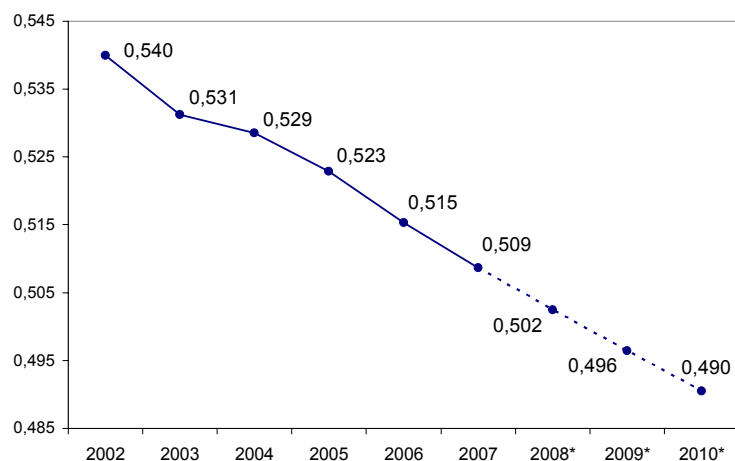
Esse movimento representa uma queda de 5,7% no indicador, apontando para uma evidente tendência que confirma outras pesquisas.

¹ Este estudo contou com enorme colaboração do pesquisador Fábio Vaz (DISOC/Ipea) e também com o apoio de José Celso Cardoso Junior (Assessoria da Presidência) e Ricardo L. C. Amorim (Assessoria da Presidência).

² Essas seis regiões metropolitanas produzem cerca de 37,1% do PIB nacional e comportavam 25,4% da população residente, segundo o último Censo Demográfico.

³ Este **Comunicado da Presidência** debruça-se sobre os dados a partir de 2002, devido à mudança metodológica ocorrida na PME/IBGE naquele ano. Com isso evitou-se a quebra de séries e manteve-se a homogeneidade conceitual e metodológica das informações.

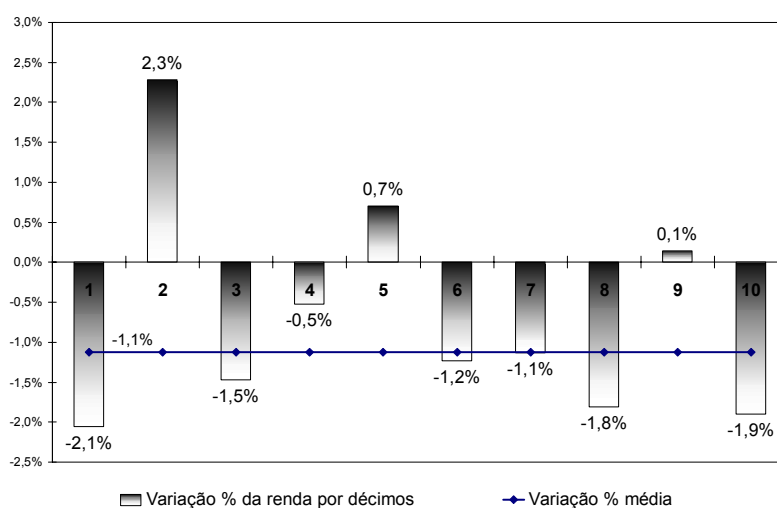
Gráfico 1 – Evolução anual do Índice de Gini entre ocupados, 2002-2007



Fonte: Pesquisa Mensal de Emprego/IBGE. (Elaboração própria.)

É interessante notar que essa queda se deu basicamente pelos aumentos acima da média alcançados nos níveis mais baixos de renda dos ocupados (décimos inferiores: 1, 2 e 3)⁴. Os gráficos 2, 3, 4 e 5 ilustram esse movimento ao mostrar quanto variou a renda obtida no trabalho principal em cada um dos décimos e em relação à média das regiões metropolitanas.

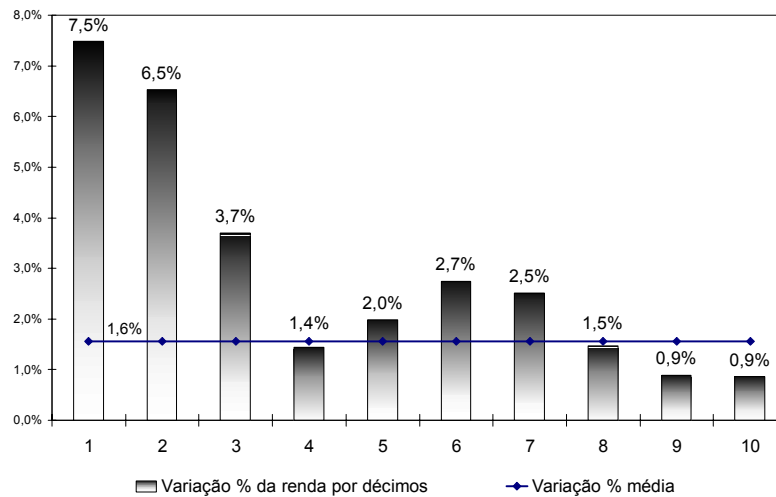
Gráfico 2 - Variação percentual da renda das pessoas ocupadas por décimos da população ocupada, 2003-2004



Fonte: Pesquisa Mensal de Emprego/IBGE. (Elaboração própria.)

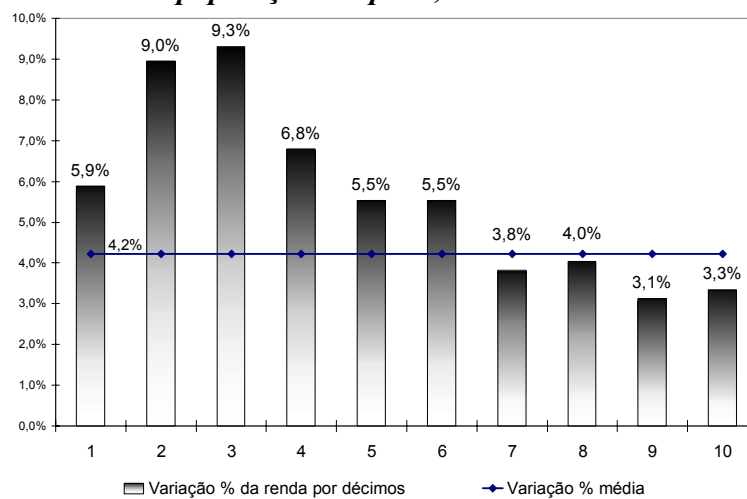
⁴ É interessante esclarecer que um décimo representa um subconjunto de uma população dividida em dez partes. Assim, quando se fala em primeiro décimo está se falando dos 10% da população com menor renda do trabalho.

Gráfico 3 – Variação percentual da renda das pessoas ocupadas por décimos da população ocupada, 2004-2005



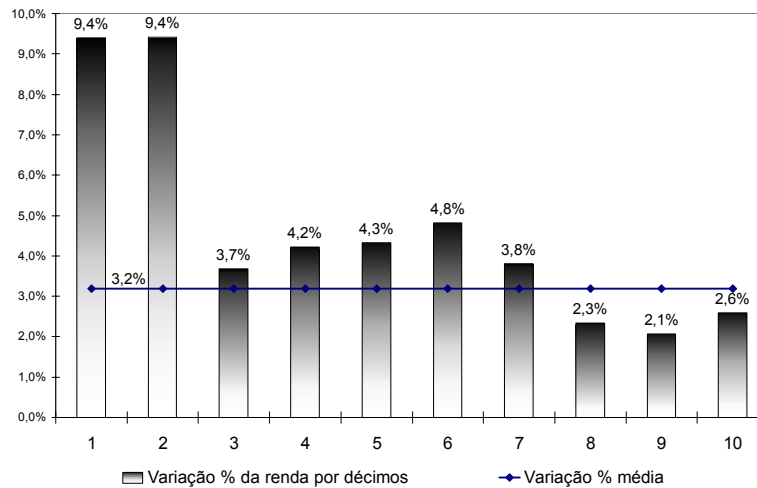
Fonte: Pesquisa Mensal de Emprego/IBGE. (Elaboração própria.)

Gráfico 4 - Variação percentual da renda das pessoas ocupadas por décimos da população ocupada, 2005-2006



Fonte: Pesquisa Mensal de Emprego/IBGE. (Elaboração própria.)

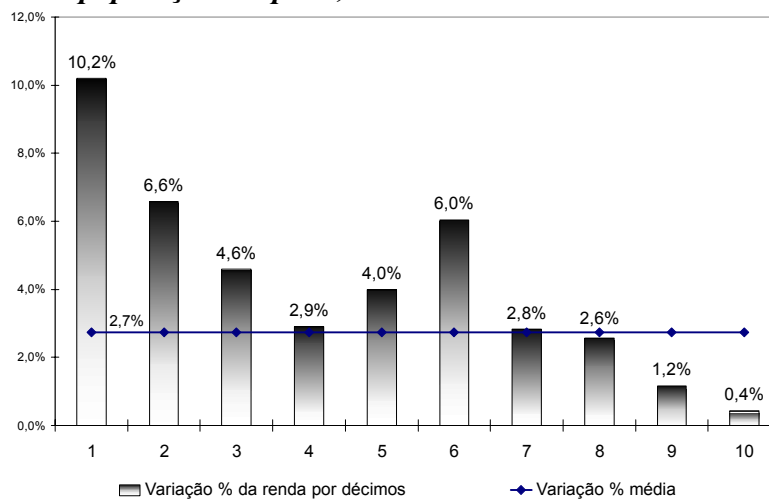
Gráfico 5 - Variação percentual da renda das pessoas ocupadas por décimos da população ocupada, 2006-2007



Fonte: Pesquisa Mensal de Emprego/IBGE. (Elaboração própria.)

A tendência confirma-se para os dados mais recentes. Se a mesma comparação recair sobre o primeiro trimestre de 2008 em relação ao primeiro trimestre do ano passado, o fenômeno de valorização dos rendimentos de base em relação aos extratos mais altos de renda dos ocupados se repete.

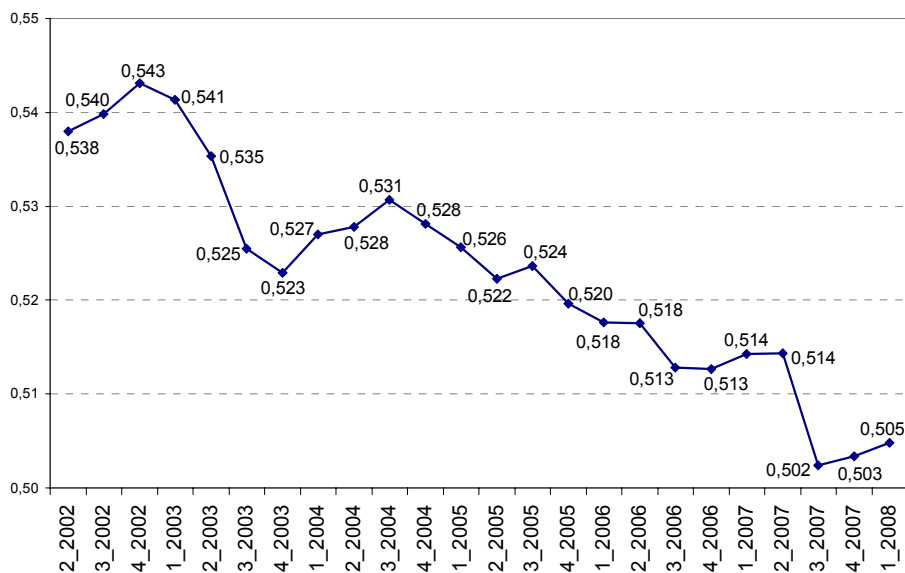
Gráfico 6 - Variação percentual da renda das pessoas ocupadas por décimos da população ocupada, 1º trim/2007 – 1º trim/2008



Fonte: Pesquisa Mensal de Emprego/IBGE. (Elaboração própria.)

Observando dados trimestrais, percebem-se com maior detalhe essas mudanças vividas pelo Índice de Gini no período recente. **Em termos trimestrais, houve uma queda de 4,9% no indicador entre o terceiro trimestre de 2004 e o primeiro de 2008 e de quase 7% entre o quarto trimestre de 2002 e o primeiro de 2008.**

Gráfico 7 – Evolução trimestral do Índice de Gini entre ocupados, 2002-2008



Fonte: Pesquisa Mensal de Emprego/IBGE. (Elaboração própria.)

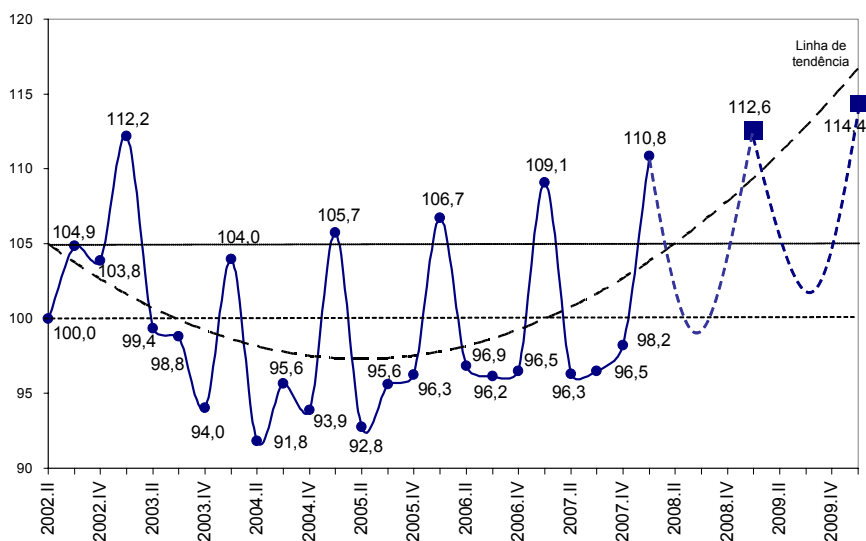
Esses dados, embora alvissareiros do ponto vista da distribuição dos rendimentos dos ocupados, parece não revelar o movimento da distribuição funcional da renda no país.

2. A manutenção da baixa participação do rendimento do trabalho na renda do país

Até o ano de 2004, quando as taxas de crescimento econômico começam a se fazer sentir, as remunerações, especificamente, perderam participação no PIB do país, caindo de um patamar de 48,8%, em 1995, para um piso de 39,8% em 2002 (39,1% em 2005). A partir daí, o que se observa é uma grande estabilidade nessa relação.

Assim, utilizando como *Proxy* a relação entre rendimentos do trabalho das seis regiões metropolitanas sobre o PIB, observa-se uma quase constância da parcela dos salários sobre a renda do país (gráfico 8).

Gráfico 8 - Participação dos rendimentos do trabalho* das seis regiões metropolitanas sobre o PIB do país, 2002-2008**



*Exclusive empregadores.

** Recife, Salvador, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

Fonte: IBGE – Sistema de Contas Nacionais e Pesquisa Mensal de Emprego. (Elaboração própria)

Na verdade, observando a *linha de tendência* do gráfico 8, é possível afirmar que se espera que os rendimentos do trabalho alcancem os patamares de 2002 apenas no decorrer do ano de 2009. Contudo, para isso acontecer, é imperioso que o Brasil mantenha seu atual ritmo de crescimento econômico.

Anexos

Tabela 1 - Rendimento habitualmente recebido no trabalho principal, por décimos da população ocupada, 2003-2007

(em R\$ de janeiro de 2008)

	2003	2004	2005	2006	2007
MÉDIA	1.065,90	1.053,94	1.070,40	1.115,58	1.151,24
1º décimo	169,22	165,75	178,16	188,64	206,38
2º décimo	291,07	297,72	317,17	345,57	378,11
3º décimo	364,52	359,16	372,42	407,11	422,08
4º décimo	448,05	445,72	452,16	482,89	503,27
5º décimo	528,12	531,85	542,43	572,46	597,28
6º décimo	636,07	628,25	645,47	681,21	714,03
7º décimo	803,38	794,28	814,28	845,42	877,59
8º décimo	1.092,93	1.073,19	1.088,99	1.133,02	1.159,55
9º décimo	1.690,02	1.692,39	1.707,38	1.760,89	1.797,42
10º décimo	4.625,74	4.537,91	4.577,23	4.730,47	4.853,03

Fonte: PME/IBGE. (Elaboração própria.)

Tabela 2 - Variação percentual do rendimento habitualmente recebido no trabalho principal, por décimos da população ocupada, em relação ao ano anterior, 2003-2007

	2003/2004	2004/2005	2005/2006	2006/2007	2003/2007
MÉDIA	-1,1%	1,6%	4,2%	3,2%	8,0%
1º décimo	-2,1%	7,5%	5,9%	9,4%	22,0%
2º décimo	2,3%	6,5%	9,0%	9,4%	29,9%
3º décimo	-1,5%	3,7%	9,3%	3,7%	15,8%
4º décimo	-0,5%	1,4%	6,8%	4,2%	12,3%
5º décimo	0,7%	2,0%	5,5%	4,3%	13,1%
6º décimo	-1,2%	2,7%	5,5%	4,8%	12,3%
7º décimo	-1,1%	2,5%	3,8%	3,8%	9,2%
8º décimo	-1,8%	1,5%	4,0%	2,3%	6,1%
9º décimo	0,1%	0,9%	3,1%	2,1%	6,4%
10º décimo	-1,9%	0,9%	3,3%	2,6%	4,9%

Fonte: PME/IBGE. (Elaboração própria.)